

# ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 23 • 2016/2017

A  
RUI BOAVENTURA  
HOMENAGEM À SUA MEMÓRIA



**Editores Científicos: João Luís Cardoso e Rui Mataloto**

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS  
2016/2017

**Estudos Arqueológicos de Oeiras** é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor Nuno Bicho (Universidade do Algarve)
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Barcelona e ICREA)
- Doutora Laure Salanova (CNRS, Paris)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professor Doutor Rui Morais (Universidade do Minho)

## ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 23 • 2016/2017      ISSN: 0872-6086

EDITORES CIENTÍFICOS DESTA VOLUME - João Luís Cardoso e Rui Mataloto  
DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas  
PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO  
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras  
Fábrica da Pólvora de Barcarena  
Estrada das Fontainhas  
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta  
*On prie l'échange*  
*Exchange wanted*  
*Tauschverkehr erwünscht*

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO - M. Fernandes

IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Graficamares, Lda. - Amares - Tel. 253 992 735

DEPÓSITO LEGAL: 97312/96

## ÍNDICE GERAL / CONTENTS

PAULO VISTAS	
Prefácio	
<i>Foreword</i> .....	9
JOÃO LUÍS CARDOSO & RUI MATALOTO	
Apresentação	
<i>Presentation</i> .....	11
RUI MATALOTO & JOÃO LUÍS CARDOSO	
Rui Boaventura (1971-2016), apontamento biográfico e bibliografia	
<i>Rui Boaventura (1971-2016), biographical note and bibliography</i> .....	13
RUI MATALOTO, MARCO ANTÓNIO ANDRADE & ANDRÉ PEREIRA	
O Megalitismo das pequenas antas: novos dados para um velho problema	
<i>The Megalithism of small dolmens: new data to an old problem</i> .....	33
ANDREA MARTINS	
Entre o Atlântico e o Maciço Calcário Estremenho: a arte rupestre da Estremadura	
<i>Between the Atlantic and the Maciço Calcário Estremenho: the rock art of Estremadura</i> .....	157
ANTÓNIO CARLOS VALERA & LINO ANDRÉ	
Aspectos da interacção transregional na Pré-história Recente do Sudoeste Peninsular: interrogando as conchas e moluscos nos Perdígões	
<i>Views on the transregional interaction in Iberian Southwest Recent Prehistory: questioning the shells and molluscs from Perdígões</i> .....	189
ANA MARIA SILVA & MARIA TERESA FERREIRA	
Perscrutando espólios antigos 5: Contributo da análise dos restos ósseos humanos	
<i>Examining old remains 5: the contribution of the study of human bones</i> .....	219
JOÃO LUÍS CARDOSO & FILIPE MARTINS	
O povoado pré-histórico do Outeiro Redondo (Sesimbra): Resultados das campanhas de escavação de 2013 e 2014	
<i>The chalcolithic fortified settlement of Outeiro Redondo (Sesimbra): Results of 2013 and 2014 field seasons</i> .....	233

JOÃO LUÍS CARDOSO	
Correspondência epistolar remetida por eminentes pré-historiadores espanhóis ou que trabalharam essencialmente em Espanha a José Leite de Vasconcelos (1853-1941)	
<i>Correspondence sent by eminent Spanish pre-historians or who worked mainly in Spain to José Leite de Vasconcelos (1853-1941) . . . . .</i>	393
ANA CATARINA SOUSA	
Os tempos do Neolítico na região de Lisboa: o povoamento	
<i>Times in the Neolithic from the region of Lisbon: the settlements . . . . .</i>	459
DIRK BRANDHERM, MICHAŁ KRUEGER & JOÃO LUÍS CARDOSO	
Um novo método para a datação absoluta de ossos humanos cremados: a cabana 2 do Monte de São Domingos (Malpica do Tejo, Portugal)	
<i>A new method for the absolute dating of cremated human bones: hut 2 at Monte de São Domingos (Malpica do Tejo, Portugal) . . . . .</i>	519
JOÃO LUÍS CARDOSO	
A ocupação do Bronze Final do Centro Histórico de Oeiras. Os materiais da Rua das Alcássimas	
<i>Late Bronze materials recovered in the Historic Center of Oeiras. The artifacts of Rua das Alcássimas . . . . .</i>	531
CENTRO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DO CONCELHO DE OEIRAS	
Relatório das actividades desenvolvidas em 2016	
<i>Report on activities carried out in 2016 . . . . .</i>	555

**RUI BOAVENTURA (1971-2016).  
APONTAMENTO BIOGRÁFICO E BIBLIOGRAFIA<sup>1</sup>**

***RUI BOAVENTURA (1971-2016).  
BIOGRAPHICAL NOTE AND BIBLIOGRAPHY***

Rui Mataloto<sup>2</sup> & João Luís Cardoso<sup>3</sup>

“O Rui teve um percurso excessivamente breve para tudo aquilo que tomou em mãos: defender e estudar o Megalitismo, anta a anta se preciso fosse! Quero acreditar que hoje nascerá uma nova anta no Alentejo.”

Excerto da elegia fúnebre, lida no dia 31 de Maio de 2016

Rui Boaventura nasceu em Lisboa a 10 de Fevereiro de 1971, e faleceu também em Lisboa a 28 de Maio de 2016, tendo vivido quase sempre na periferia da grande cidade, da qual se tornou um grande conhecedor, onde se movimentava com rara agilidade, certamente resquícios dos tempos em que, ainda muito jovem, ajudava o avô nos pequenos mercados de fim-de-semana. Com um trajecto usual nos primeiros tempos da escola, costumava contar como um pequeno, e aparentemente insignificante, episódio o viria a marcar para sempre, traçando-lhe o caminho. Estudante externo da Casa Pia de Lisboa algures nos inícios dos anos 80, nas traseiras dos Jerónimos, houve um dia em que, algumas obras fizeram surgir abundantes restos osteológicos, os quais, influenciados por uma professora, se precipitaram a ver, deixando uma marca no Rui que lhe traçou, não apenas o Amor pela Arqueologia, como também o interesse pela Antropologia Física das populações pré-históricas, que sempre considerou, como mostra a sua obra científica, como estando estreitamente ligado à Arqueologia.

Seria esse momento que o levou a ingressar, apesar das resistências da família, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde efectuou todo o seu percurso académico, convivendo com colegas com quem

---

<sup>1</sup>Estas linhas não respeitaram o acordo ortográfico em vigor, por opção dos autores e em memória do Rui, que sempre o rejeitou; e tiveram um contributo essencial de alguns amigos mais próximos, Ana Catarina Sousa, André Pereira, Jacinta Bugalhão, Ana Ávila de Melo, que o fotografou no MNA, e Fernanda Torquato, no respeitante à Bibliografia do Rui, para além do apoio da Raquel Reis, sua companheira nos seis últimos anos de vida. Obrigado, Raquel, pelo apoio que todos sabemos que foste.

<sup>2</sup>Arqueólogo. Município de Redondo. [rmataloto@gmail.com](mailto:rmataloto@gmail.com)

<sup>3</sup>Arqueólogo. Universidade Aberta (Lisboa) e Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). [cardoso18@netvisao.pt](mailto:cardoso18@netvisao.pt)

viria a partilhar interesses de investigação, e de quem rapidamente se tornou verdadeiro Amigo, como Ana Catarina Sousa ou Leonor Rocha, mas igualmente com outros, como Isabel Pinto, Maria José Almeida ou Catarina Coelho, para além de Carla Lopes, mãe de Francisco, o seu filho mais velho.

Aqui, além de amizades, cultivou, desde o primeiro momento, o seu gosto pela Pré-História e pelo Megalitismo, especialmente através da ligação às marcantes intervenções de Victor S. Gonçalves, como Olival da Pega 2 (OP2) ou Torre do Esporão (Figs. 1 a 4), em Reguengos de Monsaraz. Ficou desde logo clara a sua capacidade de trabalho, afincamento e determinação. Desse afincamento e energia teria resultado a afectação de placa de xisto que, na realidade, não havia sido o Rui a acidentalmente destruir, no decurso da escavação, mas que o seu vigor tornava principal suspeito. Uma outra situação durante a Faculdade viria, para aqueles que o conheceram, a ser uma imagem de marca: ficando num fim de semana de escavação à míngua de comida e com a despensa trancada, enquanto alguns, mais submissos, se resignavam para não ferir susceptibilidades do director do trabalho, ausente no momento, logo o Rui se aprontou para rebentar, contra a opinião unânime dos seus colegas, o cadeado da despensa. Este episódio é expressivo do carácter do Rui, alguém que nunca vacilou em prol daquilo que considerava o bem-comum, como várias vezes depois testemunhámos, disposto a bater-se por causas, muitas delas em que considerava estar em causa o futuro da prática arqueológica em Portugal.

Durante a Faculdade, no Verão, apesar do seu gosto pela Pré-História, tornou-se assíduo nas escavações da *villa* romana da Quinta das Longas (Elvas) onde cultivou uma forte amizade com o responsável pelos trabalhos, António Carvalho, hoje Director do Museu Nacional de Arqueologia.

As escavações em Santa Vitória (Campo Maior), sob direcção de Ana Carvalho Dias, para além de acalentar o seu gosto pela Pré-História constituíram um primeiro passo na sua relação com a “tutela”, o então IPPAR.

Na elaboração do seu trabalho de Seminário, indicador do seu trajecto futuro, sobre os *tholoi* da Península de Lisboa, decidiu abordar O. da Veiga Ferreira, que publicou estudo sobre o *tholos* de Aqualva (Cacém), para obter explicações do próprio a tal respeito, apesar de conhecidas as reservas que lhe eram então malevolamente levantadas por alguns. Foi então que, pela primeira vez viria a visitar o Museu Geológico (do actual LNEG, antigo SGP), do qual passaria a ser assíduo frequentador, e depois estudioso das suas colecções. Jovem aluno interessado pela Pré-História, não se intimidou, apesar do peso adquirido por uma muito longa carreira, marcante como poucas na História da investigação arqueológica, e temperamento, dizia-se, por vezes intempestivo do seu interlocutor. Chegado e questionado sobre os propósitos da visita, depois de alguns impropérios que lhe não eram dirigidos, foi recebido com notável atenção e afabilidade pouco usuais noutros círculos. Este episódio anedótico, que contava amiúde, traduzia o seu modo frontal de agir.

Com este trabalho, em 1993, concluiu a licenciatura em História, variante de Arqueologia, com a classificação final de 14 valores, vindo mais tarde, em 1997, a concluir a variante de Ensino com a classificação final de 15 valores (Fig. 5).

Iniciou a sua actividade profissional como professor do Ensino Básico e Secundário entre 1994 e 1997, em Elvas (1994, 1996), Colégio Pina Manique (1995), Escola Secundária Dona Luísa de Gusmão (1996) e Portalegre (1997), constituindo uma primeira “*travessia no deserto*” que, ainda assim lhe permitiu fazer amizades, e aproximar-se do megalitismo de Elvas, aproveitando para ler e reler o muito que Abel Viana e António Dias de Deus haviam publicado de Arqueologia da região, sem perder o contacto com o que realmente almejava, fazer, estudar o Megalitismo. Paralelamente colaborou em diversas intervenções arqueológicas promovidas pelo IPPAR, nomeadamente na antiga Igreja Patriarcal da Ajuda (1994), na igreja / convento de S. Francisco de Santarém (1995, 1996), e na Fundação Ricardo Espírito Santo Silva (1997).



**Fig. 1** – Intervenção em Torre do Esporão 3, 1990, das primeiras participações em escavações; Rui Boaventura em primeiro plano (Foto cedida por Ana Catarina Sousa).



**Fig. 2** – Equipa de escavação de Torre de Esporão 3, com Rui Boaventura em baixo à direita. Identificam-se Maria Catarina Coelho, em pé, à esquerda; Ana Catarina Sousa, em cima à esquerda, sentada (Foto cedida por Ana Catarina Sousa).



**Fig. 3** – 1990, equipa de escavação da primeira campanha no Complexo Megalítico de Olival da Pega 2 (Reguengos de Monsaraz). *Da esquerda para a direita:* Teresa Simões, Rui Boaventura, Ana Catarina Sousa, Maria Catarina Coelho, Leonor Rocha e Sérgio Carneiro (Foto cedida por Ana Catarina Sousa).



**Fig. 4** – Verão de 1992, escavação da Anta 2 do Olival da Pega, com o director dos trabalhos, V. S. Gonçalves, ao centro.



**Fig. 5** – Foto da Queima das Fitas, 1993. Com algumas amigas pessoais, Maria Catarina Coelho, Isabel Pinto, Carla Lopes (Foto cedida por Ana Catarina Sousa).

Foi em Santarém que um de nós (R.M.), participante nas escavações ali dirigidas por Ana Margarida Arruda, o veio a conhecer, partilhando algumas observações e informações sobre os trabalhos e dificuldades que esperam todos aqueles que decidem abraçar a carreira de arqueólogo

A ligação ao IPPAR viria também a marcar o Rui, defensor da existência de um código de procedimentos rigoroso, forte e institucional, mas ágil, sempre com vista a defender algo que considerava essencial e estruturante, a “Memória Futura”. Será esta defesa das Instituições e dos seus deveres e direitos que o leva a participar do mundo associativo, tornando-se sócio do *American Institute of Archaeology*, da *Associação dos Arqueólogos Portugueses*, da *Associação Profissional de Arqueólogos*, onde teve cargo de direcção, e da *Portanta – Associação de Arqueologia Ibérica*, que ajudou a fundar.

Em 1995 deu início, com Carla Lopes, ao estudo do concelho de Monforte, com particular enfoque no Megalitismo, com o projecto de investigação plurianual “As Comunidades Pré-Históricas dos 4.º-3.º Milénios na região de Monforte” (COMONPH). Entre 1997 e 1998, na sequência deste projecto, exerceu funções como arqueólogo em regime de prestação de serviços da Câmara Municipal de Monforte. Os trabalhos incluíram prospecções, escavações, acções de valorização e estudos geoarqueológicos, que aproveitou para avançar com propostas de classificação de todos os monumentos megalíticos do concelho, processo que veio a ficar concluído entre 2010 e 2015 com a classificação como Sítio de Interesse Público de 12 antas. Este processo é um exemplo da vertente “institucionalista” do Rui, que acreditava que este deveria ser o caminho a trilhar, para uma efectiva protecção e responsabilização do Estado pela defesa do Património Arqueológico.

Em 1998, ao ingressar como Arqueólogo no recém-constituído Instituto Português de Arqueologia, passou a exercer funções na extensão territorial do Crato, onde ficará até 2001 (Fig. 6). Aqui, a perspectiva pela qual vinha pugnando, por uma defesa institucional e consequente do património arqueológico atinge a plenitude, ao poder executar de forma consequente e oficial, uma política específica à escala local, num contexto nacional particularmente propício. Por directrizes emanadas do novo Instituto enceta, com os colegas, algo que irá ser mais uma das suas missões, rever e corrigir o Inventário Nacional do Património, sendo um dos grandes defensores da criação do CNS (Código Nacional de Sítio) que, como tantas vezes acabámos por concordar, era a única forma de individualizar sítios cujas designações, por vezes, se multiplicavam, criando um “ruído” que o Rui, para o seu Megalitismo procurou, como ninguém, limpar. Foi neste contexto que um de nós (R.M.) passou a conhecer mais de perto Rui Boaventura, podendo acompanhar com maior proximidade a sua acção decisiva na defesa do Património Arqueológico. Em diversos momentos o Rui, com a sua entrega e verdadeiro “espírito de missão” salvou *in extremis* diversos sítios da destruição maciça, graças à celeridade e empenho da sua actuação, dialogando primeiro com os “actores no terreno”, os condutores dos *bulldozers* que ameaçavam, com as surribas, quase semanalmente, tanto antas como povoados, quer depois



Fig. 6 – Foto de grupo do Concurso de avançados das extensões do IPA, 2001. Pouco depois abandonaria funções (Foto cedida por Jacinta Bugalhão).



dando seguimento ao procedimento mais legal de salvaguarda. O Rui detinha o perfil ideal para aquela posição, porque acreditava realmente no que estava a fazer e no papel decisivo que poderia ter na salvaguarda do Património. Infelizmente, circunstâncias várias impediram-no de continuar, apesar da sua acção exemplar, saindo em litígio com a Direcção do Instituto, num momento que tanta amargura lhe causou. Todavia, nunca alterou a sua perspectiva, batendo-se sempre por esta vertente institucional forte (Fig. 7).

A investigação do Megalitismo de Monforte continuou em diversos projectos no âmbito do Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos: em 1998-2002, com o Projecto “As Comunidades Pré-históricas dos 4.º e 3.º milénios na Região de Monforte” e em 2002-2006 com o Projecto “As Comunidades Megalíticas do Norte Alentejano”, os quais tiveram, mais recentemente, desenvolvimento no projecto FCT-MEGAGEO (2013-2015). Estes serão os projectos que irão orientar a sua investigação no Alentejo, ainda que deixem de fora, de algum modo, a sua grande obra sobre o Megalitismo da região de Lisboa, como se verá.

A Pré-História de Monforte continuou a marcar a sua carreira de investigação, tendo obtido uma bolsa de investigação da JNICT com a qual viria a obter o grau de mestre em Pré-História e Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 2001, com a dissertação *O Habitat Calcólítico do Pombal*, sob a orientação de Victor S. Gonçalves. Este estudo revela a investigação de um território, que vinha trabalhando de há muito, e, neste, de um sítio com uma História que pacientemente procurou reconstituir, com base nos materiais inéditos que teve a capacidade de valorizar como mereciam, sendo expressivo do entendimento que o Rui tinha da investigação em Arqueologia (Fig. 8). O sítio do Pombal, nas imediações da *villa* romana de Torre de Palma, em Monforte, tinha sido intervencionado sob a direcção de Manuel Heleno, tendo em vista a escavação de uma necrópole romana, tendo os materiais pré-históricos sido recolhidos no mesmo local, no decurso da respectiva intervenção. Esta realidade conduziu-o, por um lado, a estudar os “fundos” dos Museus, e a caracterizar a actuação de Manuel Heleno na envolvente de Monforte, contribuindo para o conhecimento do povoamento pré-histórico da região em causa.

Ainda que a vertente do povoamento tenha sido sempre relativamente colateral à sua investigação, entre 1997 e 1999 efectuou, ainda assim, diversas intervenções, como a realizada no povoado de Moreiros 2, em Arronches, que proporcionam conjunto de materiais, apresentados em breve síntese, para depois os ceder para estudo a Richard Peace, no âmbito da sua dissertação de Mestrado, da qual foi co-orientador, que veio a



**Fig. 7** – Manifestação da plataforma PPCult. contra a construção do Museu dos Coches, o despejo do IGESPAR (antigas instalações do IPA) e contra a anunciada saída do MNA dos Jerónimos. 18 de Março de 2009 (Foto cedida por Jacinta Bugalhão).



**Fig. 8** – Com os filhos, em 2008, no povoado do Pombal, Monforte, aquando do achamento de ídolo-placa espatulado, publicado em 2011.

ser defendida em 2016, a que já não teve possibilidade de estar presente. Este aspecto assinala, igualmente, um papel importante que o Rui também desempenhou, o de facilitar o estudo das realidades pré-históricas com as quais estava familiarizado, aos estudantes de Arqueologia, no âmbito da sua formação académica.

Após a sua saída do IPA, entre 2001 e 2002, dá-se uma segunda *travessia no deserto*, durante a qual efectuou diversas intervenções da chamada Arqueologia de Salvamento, em Portimão (Torre 4), Lisboa (Ribeira das Naus), Évora (Rua das Alcaçarias, Rua Elias Garcia), Santarém (Travessa da Lameira) e Elvas (Avenida de Olivença).

Nesta altura, já na companhia de Maia Langley, sua mulher, começa despontar outro dos seus grandes objectivos e propósitos, a internacionalização dos seus estudos, percebendo claramente que seria o caminho de futuro. Tendo presente esse objectivo, procurou reforçar, num primeiro momento, a sua ligação às equipas americanas que trabalhavam em Torre de Palma. É aí, então, que nascem os *Archaeological Programs*, primeiramente com a “Archaeological Field School” da *University of Louisville*, Kentucky, da qual se torna *Adjunct Lecturer*. Em 2004 lança, com um de nós (R.M.) uma plataforma que possibilitaria alargar estas colaborações, a *Portanta – Associação de Arqueologia Ibérica*, que se irá tornar a base de suporte de diversos programas de escavação e estudo no Alentejo e na região de Lisboa. Será neste contexto que se lança num ambicioso projecto de escavação no *cluster* megalítico de Rabuje, promovendo uma acção concertada e alargada de análise de um pequeno grupo coerente de antas, tal como sempre preconizou que se deveria fazer, para melhor conhecermos o Megalitismo, e os processos inerentes à construção e uso de necrópoles megalíticas, em particular porque tão poucos de dados estávamos então, com base em escavações modernas. Assim, entre 2002 e 2004 Rui Boaventura desenvolve, com auxílio de alunos americanos, escavações nos sepulcros 3, 4 e 5 de Rabuje, numa aproximação modelar que, infelizmente, não chegou a publicar devidamente (Fig. 9).

Em 2002 ingressa na Câmara Municipal de Odivelas, Departamento de Cultura, redireccionando progressivamente a sua investigação para a área de Lisboa (Fig. 10). No entanto, o Alentejo em geral, e Monforte em particular, nunca estiveram fora do



**Fig. 9** – Escavação da anta Rabuje 5 (Monforte) (2004), no momento do levantamento do esteio tombado por meios manuais; sob ele viria a recolher material datante das fases mais antigas do megalitismo regional (Foto: Arquivo Rui Boaventura).



**Fig. 10** – Leceia, inauguração do pórtico de entrada, em 28 de Novembro de 2003, com João Luís Cardoso no uso da palavra (Foto: Bernardo Ferreira).

seu interesse mas, desalentado pela falta de apoio e manifesta oposição de alguns outros colegas, que havia apoiado, como sempre, sente que deveria redireccionar o seu interesse focando-se em temáticas e áreas de que era bom conhecedor, e que lhe estavam bem mais próximas.

A centralização dos seus estudos na região de Lisboa acabou por resultar, de novo, numa *travessia no deserto*, num recomeçar, após longo tempo dedicado ao Alentejo e a Monforte. Todavia, é aqui que reconstrói a vida, com Maia Langley, que então realizava estudos sobre Torre de Palma, e é neste contexto que aqui nascem os dois filhos mais jovens, Gabriel e Rodrigo que, tal como Francisco, nascido ainda nos tempos de Monforte, passam a ser presença assídua nos seus afazeres arqueológicos. Como sempre, das suas *travessias no deserto* (em itálico) saía melhor, e com mais forças para continuar.

Assim se explica o projecto de doutoramento (2004-2009), abordando o megalitismo da região de Lisboa, sob a orientação de Victor S. Gonçalves, que desenvolveu com o apoio financeiro de uma Bolsa de Investigação da Fundação para a Ciência e Tecnologia. Com este propósito, que mobilizou todos os seus esforços, já que para muitos o tema se encontrava esgotado, não justificando a realização de uma Tese de Doutoramento, dirigiu escavações na anta de Carcavelos, em Loures (2005-2006) e na anta de Pedras Grandes, em Odivelas (2004-2005), onde coordenou um processo de restauro que permitiu restituir a este grande monumento megalítico alguma da dignidade perdida. Paralelamente empreende a revisão, inventário e estudo dos espólios das antas da região de Lisboa, em depósito no Museu Nacional de Arqueologia e no Museu Geológico, dando corpo àquilo porque sempre pugnou, novos trabalhos sim, mas apenas depois de uma rigorosa coordenação e revisão da informação existente. Uma vez mais, como era seu apanágio, faz o pleno, trabalhou dados e registos antigos, muitas vezes imprecisos, ou mesmo incorrectos, numa actuação não raras vezes de contornos detectivescos, movimentando-se agilmente, através de um sorriso sempre presente e de muito trabalho, persistente e continuado, pelos corredores esconsos das reservas arqueológicas e das memórias existentes. É essa necessidade de limpar, de afinar, o dado que o leva, muitas vezes, a refazer os excelentes desenhos publicados por Vera Leisner, revendo todos com tal minúcia, que exasperava Inês Conde, sua desenhadora de eleição, a quem exigia, às vezes, o redesenho de verdadeiras “obras de arte”, por defeitos quase que imperceptíveis a olhos menos exigentes ...

Este trabalho é, como não podia deixar de ser, acompanhado por uma extensa e pormenorizada compilação das fontes documentais, lançando-se na primeira catalogação do Arquivo Leisner, depositado pelo Instituto Arqueológico Alemão no Instituto Português de Arqueologia, apercebendo-se, desde logo, do imenso manancial de informação existente, e que pouca ou nenhuma atenção havia recebido até então. E esse legado chegou até nós, e assim continuará, na disponibilização do Arquivo Leisner devidamente tratado em projecto conjunto da DGPC e DAI-Madrid.

O estudo das Antas da região de Lisboa, com importantes espólios antropológicos, rapidamente lhe despertou o velho interesse suscitado naquele dia de escola, nas traseiras dos Jerónimos. Assim, o estudo dos restos humanos que se conservaram dos sepultados naqueles monumentos, depressa se torna um dos centros da sua acção, por lhe permitir facilmente aliar o estudo das colecções arqueológicas com as séries antropológicas, numa associação quase inédita em Portugal, que lhe abria as portas da internacionalização. Tal veio a verificar-se através de diversos programas de estudos através da associação *Portanta*, sob o título *Mega Osteology*, em colaboração com Maria Teresa Ferreira, Ana Maria Silva (Centro de Investigação em Antropologia e Saúde, Universidade de Coimbra) e Maria Hillier (Max Planck Institut, Leipzig, Alemanha). A ligação a esta área, e ao que de melhor se ia fazendo lá fora, leva-o a ser pioneiro em Portugal, e mesmo a nível peninsular, de estudos de Mobilidade e Paleodietas, mas também da Violência, alguns dos quais, infelizmente, publicados apenas mais tarde.

Uma outra área onde concentrou a sua atenção foi a da cronologia pelo radiocarbono, cuja necessidade de rigor absoluto nos contextos e elementos datáveis coincidiam na perfeição com a sua personalidade. Não é por acaso que, conhecedor do que de mais avançado se ia fazendo, procura lançar em Portugal a sequenciação “bayesiana” das datações por radiocarbono, com vista a uma mais fina aproximação às cronologias pré-históricas. No cumprimento deste desiderato compreende que era imprescindível recuperar uma “velha” amizade, em prol dos superiores objectivos desta investigação. A saída do IPA havia imposto um afastamento com António Monge Soares. Mas o Rui, como referia por vezes, compreendendo que necessitava do apoio e conhecimento neste domínio do “Sr. AMS”, com a frontalidade que todos lhe conhecíamos, dirigiu-se-lhe, deixando claro o seu propósito, invocando o facto de o progresso dos conhecimentos científicos não dever “*padecer dos males do Homem*”. Foi assim, que, desde então, Rui Boaventura não apenas teve em Monge Soares um conselheiro científico, com o gabarito que lhe conhecemos, como também um amigo, deixando para trás situações menos boas. E o Rui era isto, a Ciência acima de tudo, como aquele encontro no Museu Geológico, com Veiga Ferreira, lhe havia ensinado.

Durante o período de elaboração da sua tese de doutoramento, o Rui Boaventura estreitou as suas ligações, com outros investigadores da Pré-História e do Megalitismo em particular, principalmente em Espanha. Sempre focado nos objectivos que perseguia, seguia as pisadas dos Leisner.

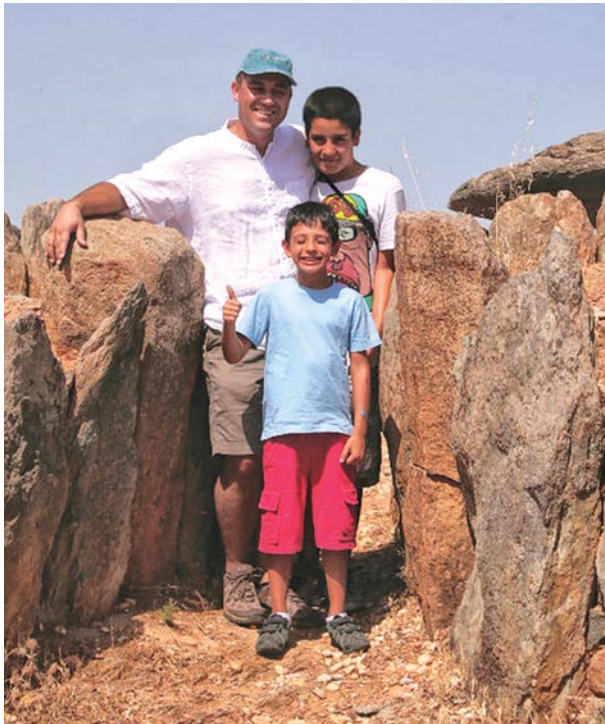
Em 2006, um de nós (R.M.), traçou com ele um roteiro memorável que nos levou a conhecer alguns dos mais marcantes sítios do Megalitismo do Sul Peninsular. Em Valencina, com Leonardo García Sanjuan, visitámos os notáveis monumentos de La Pastora e de Matarrubilla, que haveria de voltar a visitar em finais de 2015. Daí seguimos para Leste, em busca de Menga, Viera e El Romeral, em Antequera, perscrutando tudo com o detalhe de quem conhecia bem os sítios sem nunca ter lá estado. Rumámos depois para Almería, procurando Los Millares e a sua necrópole (Fig. 11). Aí, passo a passo, percorremos cada um dos fortins, cada uma das linhas de muralha, e quase cada um dos sepulcros, tentando compreender a diversidade das múltiplas soluções arquitectónicas utilizadas. Depois, de regresso, trilhámos, de novo, o caminho dos Leisner, que nos levou ao vale do Gor, que viria anos depois a reencontrar nas fotografias de Vera Leisner. O vale do Gor foi, para nós, uma das mais marcantes experiências da grandeza e relevância do Megalitismo na construção de Paisagens Humanas, mesmo aquelas onde o factor biofísico é mais forte (Fig. 12). Mais tarde, em 2010 e 2013, voltaríamos a somar experiências únicas e enriquecedoras tendo por centro, como sempre, o Megalitismo e os



**Fig. 11** – Visita a Los Millares, visível ao fundo ao centro, a partir do fortim 1; contrastando as descrições com a paisagem, acompanhado pelo seu filho Francisco. Outubro 2006 (Foto: R. Mataloto).



**Fig. 12** – Fotografando o Vale do Gor (Guadix, Granada), na senda dos Leisner. Outubro 2006 (Foto: R. Mataloto).



**Fig. 13** – Em visita ao conjunto megalítico de Pozuelo, em escavação por José António Linares. Na fotografia, com o filho Francisco e Lourenço Mataloto, em Julho de 2010 (Foto R. Mataloto).



**Fig. 14** – Com os filhos, no dia seguinte à finalização da sua tese de doutoramento, em 2009 (Foto: Arquivo Rui Boaventura).

passos dos Leisner. Com José Linares percorremos o Megalitismo da Sierra de Huelva, na senda de Cerdán, visitando com o detalhe e o questionamento usual cada um dos magníficos monumentos de Pozuelo ou dos núcleos de Berrocal (Fig. 13). No último passeio, também com José Linares, fomos guiados ao impressionante Dólmen de Soto, que ele, recentemente, havia reescavado e recuperado.

As ligações que foi cultivando e o trabalho desenvolvido permitiram-lhe, ainda em 2008, a convite de Leonardo García Sanjuán entrar, de pleno direito, no grupo dos “grandes” do Megalitismo europeu, ao ser o único português, e um dos mais jovens participantes no *2<sup>nd</sup> European Megalithic Studies Group Meeting* (Sevilha, Novembro de 2008), subordinado ao tema *Exploring Time and Matter in Prehistoric Monuments: Absolute Chronology and Rare Rocks in European Megaliths*. Aqui trava, ou reforça, as ligações com muitos dos grandes pensadores e investigadores do Megalitismo europeu, estabelecendo ligações que viriam a ser determinantes, mais tarde, no encontro MegaTalks 2.

Em 2009 finaliza a sua tese (Fig. 14) intitulada *As antas e o Megalitismo na região de Lisboa*, que viria a defender em 12 de Janeiro de 2010 (Fig. 15). Durante o seu trajecto de preparação do doutoramento, e depois dele, torna-se presença frequente em encontros de Pré-História, de que destacamos as muitas passagens pela Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa, então dirigida por um de nós (J.L.C.), assistindo a múltiplas comunicações (Fig. 16), que redundavam sempre numa participação activa, dubitativa e inquisitiva, dinamizando longos, e por vezes acesos, debates.

Tendo o segundo signatário desta evocação assumido as funções de arguente principal da sua tese de doutoramento (Fig. 17), cuja discussão pública se realizou no dia 12 de Janeiro de 2010 na Reitoria da Universidade de Lisboa, observou-lhe, dias depois, que a disposição dos esteios de algumas das antas reestudadas – Pedra



**Fig. 15** – Com o Júri da sua tese de doutoramento na Reitoria da Universidade de Lisboa, após à sua aprovação com Distinção e Louvor, por Unanimidade, a 12 de Janeiro de 2010. *Da esquerda para a direita:* João Luís Cardoso, João Carlos de Senna-Martinez, José Ramos (Presidente do Júri), Pablo Arias Cabal, Rui Boaventura, Victor S. Gonçalves (Orientador) e Leonor Rocha (Foto: Arquivo Rui Boaventura).



**Fig. 16** – Com João Luís Cardoso, arguente principal da sua tese de doutoramento, depois de sabido o resultado das provas, a 12 de Janeiro de 2010 (Foto: Arquivo Rui Boaventura).



**Fig. 17** – Apresentação pública do volume 15 da revista *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, na Sociedade de Geografia de Lisboa, em 4 de Junho de 2008. No uso da palavra, Justino Mendes de Almeida, acompanhado, na mesa, por Luís Aires-Barros, Presidente da Sociedade de Geografia (não visível) e por João Luís Cardoso, Presidente da Secção de Arqueologia (Foto: Bernardo Ferreira).

dos Mouros, Monte Abraão e a Estria – criando deliberadamente efeitos cénicos por via do contraste entre as superfícies lisas de algumas das bancadas calcárias utilizadas como esteios e o relevo por outras evidenciado, por via das pistas de icnofósseis nelas existentes, tinha sido já observada por Luís de Albuquerque e Castro, em artigo por ele publicado na *Revista de Guimarães*. Esta observação deu azo à primeira publicação de ambos em co-autoria, ilustrativa do espírito de abertura e de franca colaboração que sempre caracterizou o Rui. Publicado em 2011 na prestigiada revista *Trabajos de Prehistoria*, a prontidão com que o manuscrito foi aceite revela o interesse das observações e a novidade do tema, ainda que não completamente inédito, devido ao trabalho pioneiro de um arqueólogo injustamente esquecido. Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada às ornadas de Arte Pré-Histórica do sudoeste europeu, realizadas no Fundão, em 2010, infelizmente nunca publicadas.

Houve porém, a possibilidade de estreitamento das relações pessoais, com o convívio permanente ao longo dos três dias do Encontro, com a pernoita em típica casa de uma das aldeias de xisto da região, Janeiro de Cima.

Pouco depois, apesar do seu trajecto de crescente reconhecimento, inicia nova “*travessia no deserto*” ditada principalmente por razões pessoais, que irão, de algum modo, determinar o caminho a seguir, mas sem se afastar da linha de investigação há muito traçada.

A partir de 2011 desenvolve a sua pesquisa como Bolseiro Pós Doc no Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ) e no Departamento de Antropologia, *Pennsylvania State University* (USA.),

o que lhe permitiu estagiar durante longos meses nos Estados Unidos da América. A sua ida para este país, se por um lado se explica pela reunião aos dois filhos mais novos no país de origem da mãe, por outro, vem reforçar algo que esteve nos seus propósitos desde sempre, a internacionalização e o aprofundamento das ligações com a Antropologia Física. Aqui, a ligação ao orientador George R. Milner permite-lhe reforçar esta última vertente, através do estudo de sociedades em muitos aspectos similares às pré-históricas europeias, as comunidades mississípianas dos *Moundbuilders* de Cahokia (Illinois, USA). A sua ligação às realidades americanas havia começado antes, quer por razões familiares quer pela amizade estabelecida com Katina Lillios, a convite de quem havia participado, em 2006, no encontro *Comparative Archaeologies*, onde aproveitou para travar conhecimento com alguns dos grandes pré-historiadores peninsulares e mundiais. Neste encontro sublinha a sua ligação a duas áreas pouco afluídas na Pré-História portuguesa, a Arqueologia de Género, e a mobilidade dos indivíduos e grupos.

Regressado dos Estados Unidos mantém os seus programas de Verão do *Mega Osteology*, reforçando a colaboração com Teresa Ferreira e Ana Maria Silva (Centro de Investigação em Antropologia e Saúde, Universidade de Coimbra), revendo colecções osteológicas antigas, começando a preparar, com o dinamismo que lhe era reconhecido, projectos de investigação a submeter à FCT, em diversas áreas, como as Paleodietas e Mobilidade, ou, como se verá, a proveniência de artefactos em matérias-primas exóticas, arregimentando colaboradores, que muitas vezes nem conhecia, unidos por propósitos e objectivos comuns.

Será neste contexto de grande dinâmica que obtém Bolsas de Investigação da Fundação Calouste Gulbenkian, *American Institute of Archaeology*, *Dorot Foundation* e do Instituto Arqueológico Alemão, canalizando sempre o seu labor para o aprofundamento do conhecimento das práticas funerárias das sociedades do 4.º-3.º milénios a.C.

Em projecto ibérico dirigido por Carlos Odriozola (Universidade de Sevilha), efectuou ao longo de vários anos, até ao final, o inventário, estudo e análises dos adornos de minerais verdes do território português, com Ana Catarina Sousa e Rodrigo Villalobos. A participação do Rui revelou-se, mais uma vez, como dinamizador e construtor de pontes, tendo então havido a oportunidade de se estudarem e publicarem, em co-autoria com um de nós (J.L.C.) os adornos recolhidos nos povoados calcolíticos da Penha Verde, Leceia e Moita da Ladra. Foi também no âmbito de identificação de produções exóticas no megalitismo, que se deu continuidade a esta colaboração, com a publicação, em 2011, do espólio lítico recolhido na anta das Pedras da Granja (Sintra), onde se identificou uma extraordinária lâmina de sílex jaspóide, com cerca de 19 cm de comprimento, única nos inventários portugueses.

Sabendo do seu gosto pela investigação proporcionada por antigos papéis, foi com toda a naturalidade que aceitou o convite para a preparação, em co-autoria, com um de nós (J.L.C.), de um trabalho sobre os primórdios da investigação das antas de Monte Abraão, Estria e Carrascal (Aqualva) que, efectuada sob a direcção de Carlos Ribeiro, mais tarde viriam ser por si reapreciadas na sua tese de doutoramento. Esse trabalho, publicado em 2013, seria o primeiro de uma série que, infelizmente, ficou por concretizar e que contribuiria, com elementos novos, para uma História da Arqueologia Portuguesa, ainda por fazer. Importa sublinhar a facilidade de articular trabalho com o Rui. Uma ideia discutida, depois de assente, era sempre concretizada de forma eficaz, tornando-se aparentemente fácil, graças ao perfeito entendimento estabelecido, fruto do rigor com que eram cumpridos os planos previamente acordados.

O corolário desse dinamismo e rara capacidade de concretização foi a aprovação, como Investigador Principal, do Projecto MEGAGEO – “Movendo megálitos no Neolítico: A proveniência geológica dos esteios de antas do Centro-Sul de Portugal”, em colaboração com o Departamento de Geociências das Universidade



**Fig. 18** – Sobre a tampa da anta da Candieira onde, com Rui Mataloto, efectuava o levantamento detalhado das “covichas” existentes, Novembro 2013 (Foto: R. Mataloto).



**Fig. 19** – Com a equipa de escavação na anta da Candieira, em Dezembro de 2013 (Foto: R. Mataloto).

de Évora e financiado pela FCT (2013-2015). O projecto foi desenvolvido em parceria com geólogos das Universidades de Évora (Patrícia Moita, Jorge Pedro e Pedro Nogueira) e de Aveiro (José Santos). Este projecto procurou actualizar e avaliar a distribuição das antas do Centro-Sul de Portugal e a sua respectiva implantação face ao substrato geológico através de 3 áreas como *case-study*: Monforte e Redondo, ambas no Alto Alentejo (Maciço Hercínico), e Baixa Estremadura, região de Lisboa (Orla Meso-Cenozoica). Com o aconselhamento científico de Chris Scarre, Emanuel Mens e Philine Kalb será o seu último grande projecto, e aquele em que melhor patenteou a sua capacidade de conceber e efectivar planos alargados de investigação transdisciplinares, com vista a um melhor conhecimento do Megalitismo.

A sua ligação com o Megalitismo da aba Sul da Serra d’Ossa, através dos laços de amizade a um de nós (R.M.), estreitaram-se com este projecto, no âmbito do qual se avançou com o estudo do *cluster* da Quinta da Freixo (Redondo), não reconhecido pelos Leisner, que seria um dos *case-study* escolhidos. Nele apenas havíamos iniciado a escavação da Anta 4 da Quinta do Freixo, que infelizmente, por falta de apoios, não tivemos oportunidade de terminar. Antes havíamos já estudado em conjunto a Anta da Vidigueira, e escavado a anta dos Godinhos. Assim, no âmbito do MEGAGEO lançámo-nos na escavação de diversos sepulcros, entre os quais a carismática anta da Candieira (Redondo) (Figs. 18 e 19), que se torna emblema do próprio projecto, e que o Rui assumia como verdadeiro ícone dos estudos centenários do Megalitismo. Esta foi, verdadeiramente, uma das razões que o levou a intervir neste sepulcro que, apesar de conhecido, visitado e desenhado desde os anos 60 do século XIX nunca havia sido objecto de um estudo verdadeiramente arqueológico.

No âmbito do MEGAGEO encetou também a limpeza, desenho e escavação de mais de uma dezena de sepulcros em Monforte, dando continuidade a um trabalho iniciado há muito. Aqui, com a colaboração de um de nós (R.M.), escavou a anta do Lacrau 3 e Enxara de Cima 1, preparando tudo para avançar para a anta do Belo, que já não conseguiu efectivar (Figs. 20 e 21).

Em Lisboa, com a colaboração de um de nós (J.L.C.) e de outros colegas regressa a Monte Servés em Outubro de 2014, na altura fatídica em que fica a saber da sua terrível doença (Fig. 22). Ainda assim, não vacilou e continuou em frente, como sempre fez durante o longo período em que, apesar das dificuldades crescentes, e pelo tratamento, continuou não apenas a concretizar os projectos que tinha, como também se aprontava para novos, que por vezes sabia não ter já forças para concretizar sozinho, mas que alguém com ele o faria, almejando a continuação num MEGAGEO 2.





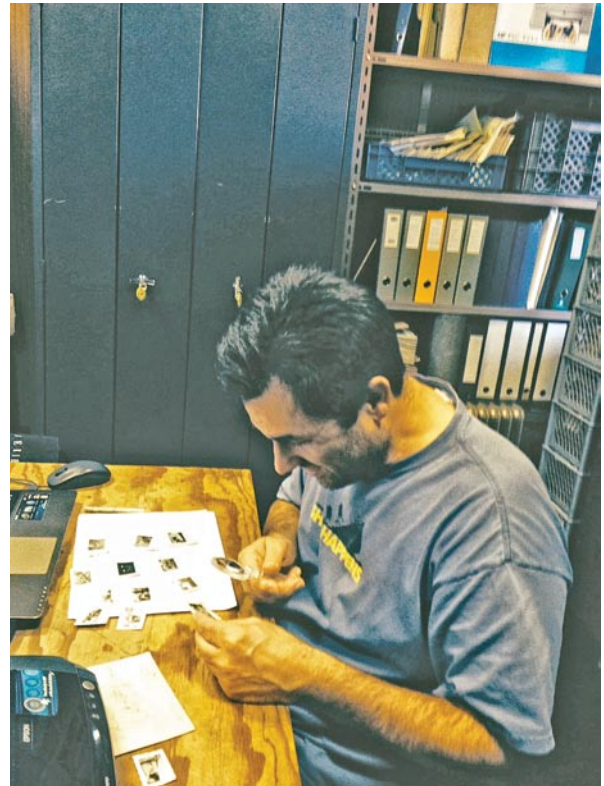
**Fig. 20** – Na escavação da anta da Enxara de Cima 1, leitura de orientação dos alinhamentos da quadricula. Dezembro 2013 (Foto: R. Mataloto).



**Fig. 21** – Na escavação da anta da Enxara de Cima 1, quando podia segurar a Lua ... Dezembro de 2013 (Foto: R. Mataloto).



**Fig. 22** – Na escavação da anta de Monte Serves (Vila Franca de Xira), com João Luís Cardoso e André Pereira, em 3 de Outubro de 2014 (Foto: Filipe Martins).



**Fig. 23** – Analisando as fotografias do Arquivo Fotográfico de Manuel Heleno, no Museu Nacional de Arqueologia, no âmbito do Projecto MEGAGEO, em 13 de Maio de 2014 (Foto: Ana Melo)

Mas o MEGAGEO foi muito mais que um programa de escavação e registo de sepulcros. Com ele iniciou um projecto pessoal acalentado de há muito, a sistematização da informação disponível sobre o megalitismo do Alentejo, concelho a concelho, anta a anta. Através de uma rigorosa pesquisa bibliográfica e arquivística do inventário dos monumentos megalíticos do centro e sul de Portugal, num minucioso trabalho verdadeiramente detectivesco na Direcção Geral do Património Cultural e Museu Nacional de Arqueologia (Fig. 23), em colaboração com André Pereira, vai limpando o “ruído” existente que multiplicava designações para o mesmo sepulcro, fazendo crer que eram diversos, por vezes mesmo duplamente classificados como



Fig. 24 – Grupo de participantes do Encontro *Megaliths and Geology*, em 20 de Novembro de 2015, em Redondo.

Monumento Nacional. Esta era uma preocupação constante, preparar novas bases de trabalho para o futuro, que fossem postas à disposição de todos. A par desta actividade acompanha as análises efectuadas pelo Departamento de Geociências da Universidade de Évora, tornando-se assíduo visitante do Departamento e companheiro de campo de Patrícia Moita.

Em 19 e 20 de Novembro de 2015, em colaboração com um de nós (R.M.), leva por diante um dos mais importantes encontros de Megalitismo alguma vez realizado em Portugal, *Megaliths and Geology*, conseguindo ter presente um painel de oradores do mais alto mérito, tanto nacionais como estrangeiros, com destaque para as mais recentes investigações do emblemático Stonehenge, pela mão do próprio Mike Parker Pearson (Figs. 24 e 25).

Pouco antes, tinha cumprido mais um desejo, de há muito almejado, a ida a Frankfurt na pista do Arquivo Leisner, através de uma Bolsa atribuída pelo Instituto Arqueológico Alemão (Fig. 26).

A doença acomete-o, mas continua a perscrutar o estudo do Megalitismo até ao limite das suas forças, como no dia 4 de Fevereiro de 2016, em que após hesitar até ao último minuto, consegue participar na Faculdade de Letras de Lisboa no Workshop *O Arquivo Leisner e os Arquivos Históricos da Arqueologia Portuguesa*, tema de que tinha sido o primeiro dinamizador, e uma das suas preocupações de sempre. Foi esse o seu último contributo público para a Arqueologia (Fig. 27).



Fig. 25 – Na anta da Candieira, com Mike Parker Pearson, em 20 de Novembro de 2015 (Foto: R. Mataloto).



**Fig. 26** – Em Frankfurt, na estadia no Instituto Arqueológico Alemão, na senda do Arquivo Leisner. Agosto de 2015 (Foto: Raquel Reis).



**Fig. 28** – “Memória Futura” – Tratamento artístico de André Pereira sobre fotografia de Rui Boaventura, realizado aquando do seu falecimento.



**Fig. 27** – Conclusão da apresentação *O Arquivo Leisner como infra-estrutura de investigação*, apresentada dia 4 de Fevereiro de 2016, no âmbito do encontro sobre *O Arquivo Leisner e os Arquivos Históricos da Arqueologia Portuguesa*, na Faculdade de Letras de Lisboa (Foto cedida por Ana Catarina Sousa).

Quando, já muito perto do final, com longas estadias de internamento, um de nós (R.M.), recebe um seu telefonema, uma das suas primeiras observações é, simplesmente e como sempre, “*aqui estou a olhar o campo, através da janela do hospital, vendo uma área onde existe uma villa romana já parcialmente afectada por uma urbanização [...] quando sair, apesar do ‘bobby’ [garrafa de oxigénio], já ‘cravei’ o meu pai [já não conseguia conduzir] para irmos ao Alentejo rever umas antas [...]*”, foi a última vez que falámos ...

Com o Rui (Fig. 28) desapareceu um arqueólogo de excepção, que, em poucos anos, contribuiu como poucos para o progresso dos conhecimentos da Arqueologia e, em particular, do Megalitismo do sul do território português, introduzindo novos métodos de investigação, sabendo que o sucesso só seria possível com o aprofundamento da informação disponível em campos científicos inexplorados, requerendo o envolvimento da comunidade arqueológica internacional ao mais alto nível, que soube cativar e mobilizar em proveito de todos nós. Antítese do investigador cioso dos seus dados, oportunista e prepotente, com ele desapareceu um ser humano excepcional, generoso e idealista como poucos, cordial e disponível, empenhado na defesa de causas colectivas, características a que somou

uma rara coragem na adversidade, sustentada por uma força de vontade admirável, que nos incute a prosseguir o mesmo caminho, animando-nos sempre, com a sua boa disposição, como se continuasse, sorridente, ainda ao nosso lado... Cabe a todos nós, e especialmente às novas gerações de arqueólogos tomá-lo como exemplo!

Terminamos, como sempre terminavam as nossas conversas: vamos falando, Rui...

## BIBLIOGRAFIA DE RUI BOAVENTURA

### 1997

LOPES, C. & BOAVENTURA, R. (1997) – *O povoamento pré-histórico dos 4.<sup>o</sup>-3.<sup>o</sup> milénios na região de Monforte – o Estado da Questão. 2.<sup>o</sup> Congreso Peninsular de Arqueología (Zamora, 1996). Actas. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques, 2, p. 381-387.*

### 1999

BOAVENTURA, R. & BATATA, C. (1999) – Fragmento de placa funerária das Brancas. *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra. 61, n.º 278.

### 2000

BOAVENTURA, R. (1999-2000) – A proveniência geológica das antas de Rabuje, Monforte, Alentejo. *Ibn Maruan*. Marvão. 9-10, p. 303-310.

BOAVENTURA, R.; BATATA, C. & CARNEIRO, A. (2000) – A inscrição paleocristã de Palhinha 1 e o seu Enquadramento. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3 (2), p. 237-246.

BOAVENTURA, R. (2000) – O campaniforme do povoado do Pombal, Vaiamonte, Monforte. *3.<sup>o</sup> Congreso Peninsular de Arqueología (Vila Real, 1999)*. Porto: ADECAP, 4, p. 291-300.

BOAVENTURA, R. (2000) – A geologia das antas de Rabuje, Monforte, Alentejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3 (2), p. 15-23.

### 2001

BOAVENTURA, R. (2001) – *O sítio calcolítico do Pombal: uma possível recuperação de velhos e novos dados*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

BATATA, C.; BOAVENTURA, R.; GOMES, A.; LOURENÇO, S. & SOUSA, M. J. (2001) – Arqueólogos avançados em exercício na Função Pública. *Al-madan*. Almada. Série II, 10, p. 211.

### 2003

BOAVENTURA, R. (coord.) (2003) – *Workshops APA: Conservar em Arqueologia*. Porto: Associação Profissional de Arqueólogos.

### 2005

NORTH, C. T.; BOAVENTURA, R. & CARDOSO, J. L. (2005) – O monumento megalítico de Monte Serves (Verdelha do Ruivo, Vila Franca de Xira). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal. 13, p. 323-335.

## 2006

- BOAVENTURA, R. & LANGLEY, M. (2006) – Apontamentos arqueológicos para a história da região de Monforte: Uma visão cartográfica. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9 (2), p. 75-81.
- BOAVENTURA, R. & BANHA, C. (2006) – As ânforas da região de Monforte: contributo para o conhecimento do comércio rural romano. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 24, p. 369-399.
- BOAVENTURA, R. (2006) – OS IV e III milénios a.n.e. na região de Monforte, para além dos mapas com pontos: os casos do cluster de Rabuje e do povoado com fossos de Moreiros 2. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9 (2), p. 61-73.

## 2007

- BOAVENTURA, R.; LANGLEY, M.; MATALOTO, M. & GONÇALVES, D. (2007) – A Ocupação na Idade do Ferro de Torre de Palma: “Escavando nos Fundos” do Museu Nacional de Arqueologia. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 25, p. 229-290.

## 2008

- BOAVENTURA, R. (2008) – António Sardinha, arqueólogo? O recrutamento do poeta de Monforte pelo “Pae Rocha”. *A Cidade*. Portalegre. 15, p. 111-140.
- LANGLEY, M.; MATALOTO, R. & BOAVENTURA, R. (2008) – A necrópole sidérica de Torre de Palma, Monforte (Portugal). *Sidereum Ana I: El rio Guadiana en Época Post-orientalizante. Anejos de Archivo Español de Arqueología*. 39, p. 283-303.

## 2009

- MATALOTO, R. & BOAVENTURA, R. (2009) – Entre vivos e mortos nos IV e III milénios a.n.e. do Sul de Portugal: um balanço relativo do povoamento com base em datações pelo radiocarbono. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 12 (2), p. 31-77.
- HILLIER, M.; BOAVENTURA, R.; ANTUNES-FERREIRA, N. & ESTEVÃO, F. (2009) – Cutmarks on human remains from the dolmen of Carcavelos (Portugal): Possible evidence of disarticulation and defleshing in the Late Neolithic? *Jornadas de Arqueologia do Vale do Tejo, em Território Português. Actas*. Lisboa: Centro de Geo-História e Pré-história.
- BOAVENTURA, R. (2009) – *As antas e o Megalitismo da região de Lisboa*. Tese de doutoramento. Policopiado. Lisboa: Universidade de Lisboa.

## 2010

- BOAVENTURA, R. (2010) – *O Megalitismo da região de Lisboa: as antas*. 3.º Colóquio Internacional *Transformação e Mudança (Cascais, 2005)*. Actas. Cascais: Câmara Municipal, p. 349-355.
- MATALOTO, R. & BOAVENTURA, R. (2010) – Anta da Vidigueira (Freixo, Redondo): Intervenção de caracterização. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 13 (1), p. 5-24.
- BOAVENTURA, R. (2010) – (Recensão) MÁRQUEZ ROMERO, J. E. & JIMÉNEZ JÁIMEZ, V. (2010) – Recintos de fosos: Genealogía y significado de una tradición en la Prehistoria del suroeste de la Península Ibérica (IV-III milenios a.C.). *Menga*. 2, p. 286-287.
- BOAVENTURA, R. (2010) – An idol from the dust: another evidence of neighboring contacts between the settlement of Pombal (Monforte, Alentejo) and the region of Badajoz. Apontamentos de Arqueologia e Património. Lisbon, Online <URL: [http :www.eraarqueologia.pt](http://www.eraarqueologia.pt)>.

## 2011

- BOAVENTURA, R. & CARDOSO, J. L. (2010-2011) – Revendo os artefactos lascados da anta de Pedras da Granja (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal. 18, p. 175-199.
- CARDOSO, J. L. & BOAVENTURA, R. (2011) – The megalithic tombs in the region of Belas (Sintra, Portugal) and their aesthetic manifestations. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 68 (2), p. 297-312.
- BOAVENTURA, R. & LANGLEY, M. (2011) – Matrimónio Leisner: a pretexto do seu centenário, o episódio de Coimbra. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série V, 1, p. 301-311.
- BOAVENTURA, R. (2011) – Entre vivos e mortos da região de Lisboa no Neolítico tardio. *Escola Aberta do Património*. Amadora: Câmara Municipal, p. 43-46.
- BOAVENTURA, R. (2011) – Chronology of megalithism in South-Central Portugal. *Menga. Revista de Prehistoria de Andalucía*. In GARCÍA SANJUÁN, L.; SCARRE, C. & WEATHLEY, D. (eds.) – Exploring Time and Matter in Prehistoric Monuments: Absolute Chronology and Rare Rocks in European Megaliths. *Menga Monográfica*. 1, p. 159-190.
- MUNSON, M. & BOAVENTURA, R. (2011) – Bridging Gender. In LILLIOS, K. (ed.) – *Comparative Archaeologies: The American Southwest (AD 900-1600) and the Iberian Peninsula (3000-1500 BC)*. Oxbow Books, p. 175-187.
- BOAVENTURA, R. (2011) – Bodies in motion: implications of gender in long distance exchange between the Lisbon and Alentejo regions of Portugal in the Late Neolithic. In Lillios, K. (ed.) – *Comparative Archaeologies: The American Southwest (AD 900-1600) and the Iberian Peninsula (3000-1500 BC)*. Oxbow Books, p. 209-220.
- BOAVENTURA, R. & MATALOTO, R. (2011) – O I milénio a.n.e. no concelho de Monforte: subsídio para o inventário do património arqueológico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 14. p. 107-140.

## 2012

- SILVA, A. M.; BOAVENTURA, R.; FERREIRA, M. T. & MARQUES, R. (2012) – Skeletal evidence of interpersonal violence from Portuguese Late Neolithic collective burials: an overview. In SCHULTING, R. & FIBIGER, L. (eds.) – *Sticks, Stones, and Broken Bones: Neolithic Violence in a European Perspective*. Oxford: Oxford University Press, p. 317-340.
- BOAVENTURA, R. (2012) – O “Pae Rocha” e o Megalitismo de Monforte (Alentejo): Luz sobre as antas pesquisadas através do Arquivo Leisner. *António Augusto dos Santos Rocha – 1853-1910*. Figueira da Foz: Casino da Figueira, p. 64-79.

## 2013

- ODRIOZOLA, C.; VILLALOBOS, R.; BOAVENTURA, R.; SOUSA, A. C.; MARTINEZ-BLANES, J. M. & CARDOSO, J. L. (2013) – Las producciones de adorno personal en rocas verdes del SW peninsular: Los casos de Leceia, Moita da Ladra y Penha Verde. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal. 20, p. 605-622.
- ODRIOZOLA, C.; SOUSA, A. C.; BOAVENTURA, R. & VILLALOBOS, R. (2013) – Componentes de adornos de pedra verde de Vila Nova de São Pedro (Azambuja): estudo de proveniências e redes de troca no 3.º milénio a.n.e. no actual território português. In ARNAUD, J; MARTINS, A. & NEVES, C. – *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: Associação de Arqueólogos Portugueses, p. 457-462.
- BOAVENTURA, R.; PIMENTA, J. & VALLES, E. (2013) – O povoado do Bronze final do Castelo da Amoreira (Odivelas). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal. 20, p. 623-640.

- BOAVENTURA, R. & MATALOTO, R. (2013) – Entre mortos e vivos: Nótulas acerca da cronologia absoluta do Megalitismo do Sul de Portugal. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 16, p. 81-101.
- BOAVENTURA, R.; FERREIRA, M. T. & SILVA, A. M. (2013) – Perscrutando espólios antigos: A anta de Sobreira 1, Elvas, Alto Alentejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 16, p. 63-79.

## 2014

- BOAVENTURA, R.; FERREIRA, M. T. & SILVA, A. M. (2014) – Perscrutando espólios antigos – 2: Um caso de reutilização funerária medieval na anta de São Gens 1 (Nisa, Norte alentejano). *Almadan online*. Almada. Série II, 1, p. 60-76.
- BOAVENTURA, R.; FERREIRA, M. T.; NEVES, M. J. & SILVA, A. M. (2014) – Funerary practices and anthropology during Middle-Late Neolithic (4th and 3rd millennia BCE) in Portuguese territory: old bones, new insights. *L'Anthropologie*. Paris. 52 (2), p. 183-204.

## 2015

- BOAVENTURA, R.; MATALOTO, R.; ANDRADE, M. A. & NUKUSHINA, D. (2014-2015) – Estremoz 7 ou a Anta de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais (Estremoz, Évora). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série V, 4-5, p. 171-231.
- SILVA, A. M.; BOAVENTURA, R.; PIMENTA, J.; DETRY, C. & CARDOSO, J. L. (2015) – Perscrutando espólios antigos: A gruta de Pedra Furada 1 (Vila Franca de Xira). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal. 21, p. 159-182.
- PEDRO, J.; MOITA, P.; BOAVENTURA, R.; ALMEIDA, L. & NOGUEIRA, P. (2015) – Proveniências no Neolítico; arqueometria em contextos geológicos distintos. *X Congresso Ibérico de Geoquímica*, p. 314-318.
- ODRIOZOLA, C.; VILLALOBOS, R.; BURBIDGE, C.; BOAVENTURA, R.; SOUSA, A. C.; BATATA, C. & MARTÍNEZ, J. M. (2015) – El hacha de jadeita de Portela do Outeiro (Sertã, Castelo Branco, Portugal). *Saguntum*. 47, p. 256-260.
- NOGUEIRA, P.; MÁXIMO, J.; MOITA, P.; BOAVENTURA, R.; PEDRO, J.; MACHADO, S.; ALMEIDA, L.; MATALOTO, R. & PEREIRA, A. (2015) – Armazém de dados espacial aplicado à geoarqueologia/patial data warehouse applied to geoarchaeology *XI Congresso Ibérico de Arqueometria*, p. 137.
- ALMEIDA, L.; MOITA, P.; PEDRO, J.; MACHADO, S.; BOAVENTURA, R.; NOGUEIRA, P.; MÁXIMO, J.; RIBEIRO, S. & SANTOS, J. F. (2015) – A caracterização e proveniência geológica das lajes das antas da região de Lisboa. *XI Congresso Ibérico de Arqueometria*, p. 121.
- NEVES, S.; BORGES, J.F.; CALDEIRA, B.; MOITA, P.; PEDRO, J. & BOAVENTURA R. (2015) – Aspectos sobre os métodos de refração sísmica. *Geonovas*, 28.
- MATALOTO, R.; BOAVENTURA, R.; NUKUSHINA, D.; VALÉRIO, P.; SOARES, R.; INVERNO, J.; RODRIGUES, M. & BEIJA, F. (2015) – O sepulcro megalítico dos Godinhos (Freixo, Redondo): Usos e significados no âmbito do Megalitismo alentejano. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 18, p. 55-79.
- BOAVENTURA, R.; MATALOTO, R.; NUKUSHINA, D.; HARPSOE, C. & HARPSOE, P. (2015) – A ocupação neolítica da gruta de Ibne Ammar (Lagoa, Algarve, Portugal). *5.º Congresso do Neolítico Peninsular (Lisboa, 2011)*. *Actas*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, p. 256-263.

BOAVENTURA, R.; ENCARNAÇÃO, G. & LUCAS, J. (2015) – As presenças de vivos e mortos na área de Belas e Carenque: sincronia e diacronia nos 4.º e 3.º milénios a.n.e. 5.º Congresso do Neolítico Peninsular (Lisboa, 2011). Actas. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, p. 610-619.

BOAVENTURA, R.; CARDOSO, J. L. (2015) – Carlos Ribeiro (1813-1882) e as antas de Belas: Um contributo para a História da Ciência em Portugal no século XIX. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal. 21, p. 35-80.

## 2016

GUIRY, E.; HILLIER, M.; BOAVENTURA, R.; SILVA, A. M.; OOSTERBEEK, L.; TOMÉ, T.; VALERA, A.; CARDOSO, J. L.; HEPBURN, J. & RICHARDS, M. (2016) – The Transition to Agriculture in Southwestern Europe: New Isotopic Insights from Portugal's Atlantic Coast. *Antiquity*. 90, issue 351, p. 604-616.

ODRIOZOLA, C.; VILLALOBOS, R.; BURBIDGE, C.; BOAVENTURA, R.; SOUSA, A. C.; RODRÍGUEZ-ARIZA, O.; PARRILLA GIRALDEZ, R.; PRUDÊNCIO, M.I. & DIAS, M. I. (2016) – Distribution and chronological framework for Iberian variscite mining and consumption at Pico Centeno, Encinasola, Spain. *Quaternary Research*. 85, p. 159-176.

BOAVENTURA, R.; SILVA, A. M. & FERREIRA, M. T. (2016) – Perscrutando espólios antigos: o espólio antropológico do *tholos* de Aqualva. In SOUSA, A. C.; CARVALHO, A.; VIEGAS, C. (eds.) – *Terra e Água. Escolher sementes, invocar a Deusa. Estudos em homenagem a Victor S. Gonçalves*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, p. 295-307.

## No prelo

BOAVENTURA, R.; MATALOTO, R.; MOITA, P.; PEDRO, J. & PEREIRA, A. (no prelo) – O “dólmen furado” da Candieira (Redondo): Novas investigações no século 21. *VIII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular, Serpa e Aroche, 24-26 de Outubro de 2014*.

BOAVENTURA, R. & ESTEVÃO, F. (no prelo) – Bell Beaker presence at the dolmen of Carcavelos (Loures): A preview. In *Bell Beakers: Symbols of a 5000 year-old Cultural Community in Europe*. Proceedings of the International Archaeological Meeting, May 1<sup>st</sup> to 5<sup>th</sup>, 2006. Torres Vedras, Portugal.

BOAVENTURA, R. (no prelo) – The “Leisnerianum” and the study of Megalithism in Portuguese territory. In MARZOLI, D.; MAIER ALLENDE, J.; SCHATTNER, T. (coord.) – *Historia del Instituto Arqueológico Alemán de Madrid – Geschichte der Madrider Abteilung des Deutschen Archäologischen Instituts*, IA 14, Faszikel 2: Sus investigaciones y la recepción de la arqueología y la prehistoria alemana (1954-2004) (Darmstadt 2014).

BOAVENTURA, R. (no prelo) – Vera.Leisner@portugal.pt. In *A Arqueologia em Portugal sob o signo da mulher entre a sombra e a cátedra. Colóquio*. Lisboa: Sociedade de Geografia de Lisboa.